

V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico **África: compreender trajectos, olhar o futuro**

Painel “As Experiências Africanas e Asiáticas Comparadas”

Introdução

Maria Johanna Schouten¹

No painel do congresso do qual os contributos seguintes fazem parte, transpuseram-se as fronteiras geográficas do continente africano. O objectivo foi a comparação entre desenvolvimentos políticos recentes na África subsariana e numa outra zona do mundo, o Sudeste Asiático.

Uma tal comparação faz sentido. Estas regiões têm várias características em comum, como são exemplo um passado colonial e a localização nos trópicos, o que tem consequências ao nível da ecologia e da saúde. Na época das descolonizações, as perspectivas de desenvolvimento de países como a Malásia e as Filipinas eram consideradas ao mesmo nível das do Uganda e da Costa de Marfim. O Sudeste Asiático e a África subsariana pertenciam de igual maneira ao, denominado na época, “Terceiro Mundo”, i.e. países onde grande parte da população vivia abaixo do nível de pobreza, países com pouca ou nenhuma indústria para a exportação.

Ao recordar os diagnósticos dos anos 60 do século passado, o desenvolvimento económico da maioria dos países do Sudeste Asiático tem sido favorável e, nalguns casos, poder-se-á considerar mesmo como milagroso. Singapura, Malásia, Tailândia têm-se orientado para sectores modernos de actividade económica, tal como a indústria de electrónica e alta tecnologia, a biomedicina e o turismo. Hoje, raramente estes países são associados a uma imagem de pobreza, embora esta não esteja ausente.

As diferenças económicas decorrem, em grande parte, de diferenças políticas, das políticas então engendradas pelos novos dirigentes. Em África

¹ UBI_CES (Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira Interior).
Docente Departamento de Sociologia da Universidade da Beira Interior.

assiste-se, de uma forma generalizada, a um *deficit* de autoridade estatal, o que implica que muitas regiões ficam entregues às relações de poder e de solidariedade tradicionais ou à mercê de entidades que contestam e disputam o poder. Por outro lado, os países do Sudeste Asiático conheceram e têm conhecido, por muito tempo, um poder estatal autoritário. E o Estado está, em princípio, presente em todo o território nacional.

A divergência dramática em termos de desenvolvimento já tem provocado ampla reflexão entre investigadores e pessoas envolvidas em projectos de cooperação internacional. Será proveitoso para África adoptar algumas das políticas dos países asiáticos que têm tido sucesso? Segundo alguns, será irreal pensar desta maneira, e outros até consideram a colocação dessa questão como um tabu, argumentando que as convergências evocadas em cima são apenas superficiais e que há diferenças noutros aspectos, de maior importância. Entre estas indicam-se as diferenças culturais, as divergências históricas tanto ao nível da intervenção colonial como da história local, os graus de heterogeneidade étnica e a importância atribuída a esta.

Estes assuntos foram discutidos neste painel que contou com a participação de peritos que combinavam conhecimentos sobre a Ásia e África.

A diversidade étnica, existente em países asiáticos como africanos, será considerada no texto da autoria de David Henley, para examinar uma eventual correlação entre o desenvolvimento económico e o mosaico étnico nos países das duas zonas. Releva que é meritório dar atenção à etnicidade, seja ela «imaginária» ou não. Etnicidade vivida e percebida resulta na formação de identidades distintas, na lealdade a certos líderes, mas é também um factor no acesso a meios de informação, a instituições e a empregos. Um menor grau de tensão inter-étnica acarreta condições mais favoráveis para o desenvolvimento em todas as suas dimensões. Henley contempla a eventual existência de um padrão na constituição étnica que minimiza ou maximiza a possibilidade de desenvolvimento. A comparação entre vários Estados revela dados interessantes: nos Estados do Sudeste Asiático, em geral, o maior grupo étnico tem uma grande preponderância numérica, enquanto que, em Estados africanos, a distribuição é mais equilibrada nestes termos. O artigo não tem a pretensão de ser conclusivo,

mas os casos apresentados e as comparações efectuadas são valiosas e indicam vias para uma análise mais profunda.

Na comunicação de Gerry van Klinken, a Indonésia ocupa um lugar central. Apresenta um esboço conciso da transição deste país, desde 1997, de um Estado com regime autoritário até à sua condição actual de Estado democrático. Outro desenvolvimento político foi o de descentralização administrativa. Nesta problemática, a questão da etnicidade tem igualmente um papel, já que a Indonésia, cujo território é uma herança do regime colonial holandês, frequentemente tem sido considerada como um “Estado impossível”, devido ao número enorme de línguas e culturas que estão distribuídas por milhares de ilhas dispersas – uma situação inexistente em África. No período de transição política na Indonésia, diferenças étnicas e religiosas tornaram-se manifestas, às vezes explodindo em grande violência. Estes processos, delineados por Van Klinken, foram analisados em pormenor e a nível local em várias zonas do país por uma equipa, cujos dados e conclusões foram publicados no livro *Renegotiating boundaries* (Leiden: KITLV Press 2007).

Com a sua exposição destes desenvolvimentos, Van Klinken articula uma sinopse clara da história recente da Indonésia, um país com ligações a Portugal e também a África. O Oceano Índico, já antes da expansão europeia, proporcionou uma ligação, directa ou indirecta, entre o Sudeste Asiático e a África Oriental, resultando em movimentos comerciais e migratórios.

Timor Leste é, no Sudeste Asiático, o país que mais manifesta a herança da expansão portuguesa. A grande diversidade étnica, também existente neste Estado jovem, é apenas um dos seus muitos problemas. Os desafios com os quais este Estado se defronta foram, durante o congresso, indicados por António de Almeida Serra, numa comunicação que, infelizmente, não pôde ser incluída nestas actas. Outros contributos ao painel, sob forma de comentários, foram dados por Armando Marques Guedes e Rui Manuel Loureiro.

Em suma, o painel “As experiências africanas e asiáticas comparadas” evidenciou que uma comparação intercontinental fornece ferramentas valiosas à investigação.